



**A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NA AQUISIÇÃO
DA ESCRITA**

DAYANE FERREIRA MARTINS

LAVRAS – MG

2023

DAYANE FERREIRA MARTINS

**A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NA AQUISIÇÃO
DA ESCRITA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do curso de Letras - Português/ Inglês e suas literaturas, para a obtenção do título de licenciado.

Prof^a. Dr^a Raquel Márcia Fontes Martins

Orientadora

LAVRAS – MG

2023

DAYANE FERREIRA MARTINS

AGRADECIMENTOS

"De início, agradeço à Deus, por ter me concedido forças e resiliência para concluir mais uma etapa em minha vida.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos que contribuíram de maneira significativa para a realização deste trabalho de conclusão de curso.

Agradeço à minha orientadora Raquel Márcia Fontes Martins pela orientação valiosa, paciência e conhecimento compartilhado ao longo de todo o processo. Sua orientação foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho e para o meu crescimento acadêmico.

Agradeço também aos professores e demais membros da banca examinadora pela oportunidade de apresentar e defender meu trabalho. Suas contribuições e feedbacks enriqueceram significativamente este estudo.

Gostaria de expressar minha gratidão aos meus colegas de classe e amigos, que estiveram presentes durante toda a jornada acadêmica. O apoio mútuo e as trocas de experiências foram essenciais para enfrentar os desafios ao longo deste processo.

Agradeço imensamente à minha família, por seu apoio, suporte e compreensão durante todos os momentos desta jornada. Sem a ajuda de vocês, eu não teria chegado até aqui.

Por fim, agradeço a todas as fontes de pesquisa consultadas, instituições e pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

Este estudo representa o resultado de um esforço coletivo, e tenho profunda gratidão por todos que estiveram ao meu lado, direta ou indiretamente.

Muito obrigado a todos!"

RESUMO

O presente trabalho buscou investigar os diferentes aspectos da consciência fonológica na aquisição da linguagem escrita e sua relação com o processo de alfabetização. Tratou-se de um estudo bibliográfico, ancorado pelas teorias da Aquisição da Linguagem Escrita que se desenvolveu com base nas contribuições de alguns autores preocupados com a questão dos processos fonológicos na aprendizagem da escrita. Em especial Soares (2016, 2020), Morais (2005,2008), Maluf e Barrera (2003), Del Ré (2007) e Moutinho (2019). O presente estudo bibliográfico apontou para a necessidade de se discutir as especificidades da alfabetização, sobretudo o aspecto da consciência fonológica, seu conceito, fundamentação e desenvolvimento durante a aquisição da escrita. Os autores apontaram para uma tendência na redução de consciência fonológica à um de seus níveis, a consciência fonêmica, assim como reconheceram que existe uma confusão no uso desses dois termos. Dessa forma, este trabalho se torna relevante para a contribuição com as práticas pedagógicas de professores alfabetizadores e professores de língua portuguesa, auxiliando o trabalho de diversos profissionais envolvidos na superação de dois problemas constantes para a educação brasileira: o analfabetismo e o baixo desempenho nas competências leitoras dos alunos.

Palavras-chave: Consciência Fonológica, Alfabetização, Linguagem Escrita.

ABSTRACT

The present work sought to investigate the different aspects of phonological awareness of the acquisition of written language involved in the literacy process. It was a bibliographical study, anchored in the theories of Written Language Acquisition that was developed based on the contributions of some authors concerned with the issue of phonological processes in the learning of writing. In particular Soares (2016, 2020), Morais (2005,2008), Maluf and Barrera (1993, 2003), Del Ré (2007) and Moutinho (2019). The bibliographic study pointed to the need to discuss the specificities of literacy, especially the aspect of phonological awareness, its concept, foundation and development during the acquisition of writing. The authors pointed out a tendency to reduce phonological awareness to one of its levels, phonemic awareness, as well as a confusion between these two terms. Thus, this work becomes relevant to the contribution to the pedagogical practices of literacy teachers and Portuguese language teachers, helping the work of several professionals involved in overcoming two constant problems for Brazilian education: illiteracy and low performance in skills student readers.

Keywords: Phonological Awareness, Literacy, Written Language.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	7
2.1 Aquisição da Língua Escrita e Alfabetização.....	7
3. O QUE É “CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA”?.....	10
3.1 Consciência Lexical.....	12
3.2 Consciência Silábica.....	13
3.3 Consciência Fonêmica.....	15
4. CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA X MÉTODO FÔNICO.....	17
5. A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NA BNCC.....	19
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

1. INTRODUÇÃO

A escrita de qualquer uma das línguas humanas – e, entre elas, o português – envolve diferentes aspectos que o aluno deve dominar ao longo de seu aprendizado. Conforme aponta Oliveira (2005), além dos aspectos fonológicos, a escrita do português envolve também aspectos morfológicos, gramaticais, textuais e sociais. Nesse estudo focaremos nos primeiros aspectos, os fonológicos, sem ignorar os outros fatores envolvidos no aprendizado da escrita, igualmente importantes.

Para tanto, iniciaremos a discussão esclarecendo as concepções de alfabetização e aquisição da língua escrita, termos importantes para a discussão proposta. Posteriormente discutiremos a respeito do desenvolvimento da consciência fonológica na aquisição da língua escrita no processo de alfabetização, em seus diferentes níveis. Faremos também uma breve distinção entre método fônico e consciência fonológica e para concluir esse estudo bibliográfico, traremos uma contextualização com as orientações normativas da Base Nacional Comum para o desenvolvimento da consciência fonológica.

Esse estudo está ancorado nas teorias da aquisição da linguagem escrita e tem como objetivo compreender a importância da sonoridade (consciência fonológica) para a aquisição da linguagem escrita de crianças em processo de alfabetização, por meio de pesquisa de caráter bibliográfico.

A taxa de analfabetismo no Brasil ainda apresenta dados preocupantes: são cerca de 6,6% da população, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), de 2019. Isso representa cerca de 11 milhões de pessoas analfabetas. Além do mais, dados divulgados pelo Ministério da Educação (MEC) e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP) em junho de 2023, revelaram que de acordo com a pesquisa Alfabetiza Brasil, 56,4% das crianças do 2º ano do Ensino Fundamental não estavam alfabetizados em 2021. Considerando esses problemas, o presente trabalho pretende investigar um aspecto da especificidade da alfabetização (SOARES, 2016), qual seja a consciência fonológica.

A questão basilar que propomos investigar é qual o papel da consciência fonológica ou a consciência sobre as unidades sonoras da fala (sílaba, rima, fonema), no processo de aquisição da língua escrita. Este trabalho é importante por contribuir para uma reflexão sobre o papel da consciência fonológica na alfabetização, aspecto fundamental a ser trabalhado nesse processo. Também é relevante para a formação de professores alfabetizadores e também

de Língua Portuguesa, podendo oferecer subsídios para a atuação em sala de aula, com reflexões importantes no ensino das relações grafofônicas.

O desafio que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz para o professor é o de aprender a articular as diferentes facetas linguísticas da Alfabetização, entre elas a consciência fonológica. Isso significa aliar o trabalho com as práticas sociais de leitura e escrita com o desenvolvimento da consciência fonológica e a aprendizagem do sistema de escrita alfabética. (SOARES, 2020)

Esse trabalho se desenvolveu a partir de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, amparado principalmente nas pesquisas realizadas por Soares (2016;2020), Morais (2005, 2008), Capovila (2003;2007), Oliveira (2005), Martins (1991), Maluf e Barrera (1997; 2003) entre outras contribuições importantes sobre a temática.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA E ALFABETIZAÇÃO

A necessidade de se compreender a relação existente entre pensamento e linguagem sempre esteve presente nos estudos do campo da Psicologia, assim como nos estudos no campo da Língua (SCARPA, 2002). Del Ré et al (2010) afirma que atualmente a Aquisição da Linguagem tem um espaço próprio de investigação, a Psicolinguística, que Maingueneau (1996) definiu como a ciência da linguagem que estuda os processos psicológicos implicados na aquisição e no uso da linguagem.

Entretanto, quando ela surgiu na década de 1950, por ainda não ter objetos e métodos próprios de estudos, se apoiava tanto nas contribuições das teorias advindas da Psicologia, em especial a Psicologia Cognitiva, como nas teorias Linguísticas (DEL RÉ, et al.,2010) . Foi somente na década de 1970 que de acordo com os autores agora citados, a Psicolinguística reclama sua autonomia, na tentativa de por fim às confusões de empréstimo ora da Psicologia, ora da Língua. A relação pensamento-linguagem ainda é discutida nas duas áreas e delimitar esse campo de estudos não é uma tarefa simples (DEL RÉ et al.,2010)

A aquisição da Linguagem é um campo de estudos híbrido, heterogêneo e multidisciplinar. De acordo com Scarpa (2002) trata-se de uma grande área que se divide em outras subáreas, cada uma com seu próprio campo de estudos classificados como Aquisição da Língua Materna, Aquisição da Segunda Língua e Aquisição da Escrita. Trataremos aqui da Aquisição da Escrita, que investiga os processos de alfabetização, a relação entre fala e

escrita, a relação entre o sujeito e a escrita entre outros tópicos importantes para se compreender como o sujeito se apropria da escrita alfabética(SCARPA, 2002).

A pesquisa de Soares e Maciel (2000) apontou que a temática da Alfabetização foi assumida como um problema legítimo de pesquisas científicas a partir de 1950. As autoras justificam essa mudança com base em dois fatores: o processo de democratização de ensino e o interesse de outras áreas, além da Pedagogia em investigar os processos de alfabetização.

Ainda a respeito dessa ramificação, Soares (2016) aponta que as Ciências Linguísticas passaram a investigar as características da língua escrita como objeto linguístico, a Psicologia se atentou para o processo pelo qual o sujeito aprende a língua escrita e os Estudos Socioculturais, por sua vez voltou- se para o contexto das práticas sociais da leitura e escrita.

Na definição de Magda Soares Alfabetização é o “processo de apropriação da “tecnologia da escrita”, isto é, um conjunto de técnicas- procedimentos, habilidades – necessárias para a prática da leitura e da escrita (...)” (Soares, 2020, P.27).

A Alfabetização, no estado atual das ciências Linguísticas e da Psicologia é um processo complexo que envolve vários componentes e demanda diferentes competências, como destacou Soares (2016). Discutiremos nesse trabalho a faceta linguística – a aprendizagem do sistema alfabético ortográfico, que conduz à habilidade de leitura e de produção de palavras escritas – que Soares (2016) designou de alfabetização.

A escrita alfabética grafa os sons da fala, ou seja, grafa os significantes, decompondo-os em fonemas, as unidades mínimas, que embora sejam abstratas, se tornam visíveis em formas de letras ou grafemas (SOARES, 2016). Assim, “Aprender a escrita alfabética é um processo de converter sons da fala em letras, ou combinações de letras – escrita-, ou converter letras, ou combinações de letras, em sons da fala – leitura” (SOARES, 2016, p. 46).

Conforme apresenta Soares (2016), até os anos de 1980 a alfabetização era considerada como decifração e cifração de um código: relacionar sons da fala às letras do sistema alfabético, e não um sistema de representação, que precisa ser compreendido. Como já observou Ferreiro (1985),citado por Morais (2005, p.60) “um código é um conjunto de sinais substitutos de outros sinais, que segue as propriedades de um sistema notacional já existente”.

Dessa forma, como reitera Morais (2015) diferentemente de um código, o sistema de escrita alfabético é um sistema de representação, uma vez que foi criado para representar algo. Esse sistema também é para a criança, um sistema notacional, porque ao compreender o que ela representa, também precisa aprender a notação com que são representados os sons da fala, conforme explicitado por Soares (2016). Morais (citado por Soares 2016, p.48) definiu

notação como “registro simbólico materializado numa superfície exterior (folha de papel, tela de computador, etc.). Nas palavras de Morais (2015, p.73):

Concebemos, porém, que, ao tratar a escrita alfabética como um sistema notacional, precisamos incluir a reflexão metafonológica como parte das atividades de reflexão sobre o “funcionamento das palavras escritas”, de modo a que os aprendizes sejam ajudados a observar certas propriedades do sistema alfabético (como a ordem, a estabilidade e a repetição de letras nas palavras), ao mesmo tempo em que analisam a quantidade de partes faladas e de partes escritas, bem como as semelhanças sonoras e gráficas

Como visto, a aprendizagem inicial da língua escrita envolve diferentes aspectos e sofre influência de diversos fatores, sobre isso (SOARES, 2008, p.35) complementa:

A aprendizagem inicial da língua escrita, embora entendida e tratada como um fenômeno multifacetado deve ser desenvolvida em sua inteireza, como um todo, por que essa é a natureza real dos atos de ler e de escrever, em que a complexa interação entre as práticas sociais da língua escrita e aquele que lê ou escreve pressupõe o exercício simultâneo de muitas e diferenciadas competências. É o que se tem denominado alfabetizar letrando. (SOARES, 2008, p. 35)

O conceito de letramento surgiu nos anos de 1980, quando os limites do ensino e aprendizagem se ampliam em decorrência do desenvolvimento do país e com isso, a necessidade de habilidades de leitura e escrita mais avançadas. Para Soares (2016) o termo Letramento que tem sido bastante utilizado, foi associado ao termo Alfabetização para designar a aprendizagem inicial da escrita de forma mais abrangente, visando à introdução da criança às práticas sociais da leitura e escrita. A definição (sintetizada) de (os) letramento(s) é (são): “Capacidades de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita, o que implica habilidades várias, tais como a capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos (...)” (SOARES, 2020, p.27)

Como dito anteriormente, aprendizagem da língua escrita é um fenômeno multifacetado e embora esse trabalho compreenda a importância de todas as outras facetas, discutiremos a faceta linguística, por considerá-la como um alicerce das outras, além disso, é a que mais tem sido objeto na discussão sobre os princípios metodológicos da aquisição da língua escrita, conforme dito por Soares (2016).

3. O QUE É “CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA”?

Soares (2016) explicou que diferente de outras escritas, como as ideográficas, por exemplo, que grafam o conteúdo semântico da fala (os significados), a escrita alfabética grava os sons da fala (os significantes), decompondo-os em fonemas – unidades mínimas abstratas que se tornam visíveis em formas de letras ou grafemas.

Para a autora “aprender a escrita alfabética é fundamentalmente um processo de converter sons da fala em letras, ou combinações de letras(...) (SOARES, 2016, p. 46)” e “o desenvolvimento da consciência fonológica associa-se à aprendizagem das letras”(SOARES, 2020, p. 78).

Diante do exposto por Soares (2016, 2020), entendemos que para se compreender a escrita alfabética, é necessário atentar-se ao extrato fônico das palavras, porém, desassociando-o de seu extrato semântico. Ela denominou de Consciência Fonológica essa capacidade linguística de focalizar os sons das palavras e também de segmentar as palavras nos sons que as constituem:

Essa capacidade de refletir sobre os segmentos sonoros da fala é o que se denomina consciência fonológica: a capacidade de focalizar e segmentar a cadeia sonora que constitui a palavra e de refletir sobre seus segmentos sonoros, que se distinguem por sua dimensão: a palavra, as sílabas, as rimas, os fonemas. (SOARES, 2020, p. 76)

A consciência fonológica é para Maluf e Barrera (2003) uma das diferentes habilidades envolvidas no desenvolvimento da consciência metalingüística. Para as autoras:

A consciência metalingüística é um termo genérico que envolve diferentes tipos de habilidades, tais como: segmentar e manipular a fala em suas diversas unidades (palavras, sílabas, fonemas); separar as palavras de seus referentes (ou seja, estabelecer diferenças entre significados e significantes); perceber semelhanças sonoras entre palavras; julgar a coerência semântica e sintática de enunciados(MAFUF e BARRERA, 2003,p.492)

Soares (2016) afirma que é a consciência fonológica que se relaciona mais diretamente com o processo de alfabetização, “aspectos de outras dimensões da consciência metalingüística também se relacionam com ele, e todas as dimensões são essenciais para a aprendizagem da língua escrita. (SOARES, 2026, p.133).

O conceito de consciência fonológica ganhou espaço apenas a partir de 1970, quando, de acordo com Soares (2016), se passou a reconhecer a importância de se desenvolver nas crianças, a sensibilidade para a cadeia sonora da fala. A autora menciona que a partir desse momento inaugural, houve um considerável aumento nas produções científicas voltadas para essa temática, particularmente em Língua Inglesa.

Para Capovilla, Dias e Maciel (2007), a consciência fonológica é a habilidade de refletir sobre a fonologia da linguagem e a sua relação com a escrita é recíproca. De outro modo isso significa dizer que os componentes simples da consciência fonológica auxiliam na aquisição de habilidades iniciais da leitura e da escrita, em uma relação mútua.

Alguns estudos defendem a introdução formal no sistema alfabético para o desenvolvimento da consciência fonológica (Morais et al. 1979; Read et al., 1986), enquanto outras pesquisas sugerem ser a consciência fonológica, um pré-requisito para a aprendizagem da leitura e escrita alfabéticas (Bradley & Bryant, 1983; Carraher & Rego, 1981; 1984; Rego, 1983). Para Maluf e Barrera (1997) esse embate está relacionado à sua complexidade:

A controvérsia entre os resultados das pesquisas parece dever-se, sobretudo, à complexidade do conceito de consciência fonológica, o qual abrange habilidades que vão desde a simples percepção global do tamanho das palavras e/ou de semelhanças fonológicas entre elas, até a efetiva segmentação e manipulação de sílabas e fonemas. (MALUF e BARRERA, 1997, p.)

Ainda sobre a relação entre consciência fonológica e a escrita, a autora Ana Paula Rigatti Scherer (2020) evidencia que algumas formas de consciência fonológica propiciam a aprendizagem da leitura e da escrita, enquanto outras podem ser causadas por ela.

Há certos componentes da consciência fonológica que podem ser adquiridos antes de aprender a ler e podem favorecer essa aprendizagem, como também existem outros níveis de conhecimento fonológico que só se desenvolvem quando a criança toma contato com a leitura e a escrita alfabética. (SCHERER, 2020, p.36)

A fim de superar as discordâncias existentes entre as diversas pesquisas da área, Maluf (1997) aponta que alguns autores (MALUF e BARRERA, 2007; MORAIS, 2015, SOARES, 2016, entre outros) têm defendido a existência de diferentes níveis de desenvolvimento da consciência fonológica.

Soares (2020) identificou três diferentes níveis de consciência fonológica: a consciência lexical, a consciência silábica e a consciência fonêmica. Para ela, é importante o desenvolvimento dos três níveis para que a criança chegue ao princípio alfabético: “a escrita representa os sons da fala, sons que se repetem em palavras, são escritos com as mesmas letras”. (SOARES 2020, p.78). A respeito dos níveis de consciência fonológica, a autora elucidou:

Há, de certa forma, uma hierarquia no desenvolvimento da consciência fonológica que segue em paralelo à hierarquia da estrutura da palavra: embora os diferentes níveis de consciência fonológica se fundamentem, todos eles numa sensibilidade genérica à estrutura sonora da língua, a criança revela consciência de rimas e aliterações antes de alcançar a

consciência de sílabas; revela consciência de sílabas antes de alcançar a consciência de fonemas. (SOARES, 2016, p. 170)

A seguir, faremos uma sucinta explanação a respeito de cada uma das fases de desenvolvimento da consciência fonológica baseada nos estudos de Soares (2016, 2020).

3.1 CONSCIÊNCIA LEXICAL

A consciência lexical remete a capacidade de segmentar frases em palavras, e também supõe a compreensão do próprio conceito de palavra (MALUF e BARRERA, 2003). Por esse motivo, Soares (2020), esclarece que a consciência lexical só se torna compreensível para a criança quando ela se alfabetiza, “porque é a língua escrita que individualiza as palavras por meio de limites marcados por espaços em branco” (SOARES, 2020, p 78).

O estudo anteriormente realizado por Soares (2016) também apontou que crianças não alfabetizadas enfrentam dificuldades em isolar e identificar palavras como unidades na cadeia sonora da fala, entretanto, são capazes de reconhecer facilmente as palavras (bola, boneca, lobo). “Esse reconhecimento porém, não significa que a criança seja capaz de dissociar a palavra fonológica de seu referente: dissociar significado e significante”. (SOARES, 2016, p. 174).

Nesse mesmo estudo, Soares apontou que essa dificuldade em compreender a natureza arbitrária das palavras foi observado por Jean Piaget, na obra *A representação do mundo na criança*. Piaget, (citado por Soares 2016, p.174) afirmou que “as pesquisas desenvolvidas pela Escola de Genebra, evidenciaram que para crianças pequenas “todos os nomes contêm as ideias das coisas que designam” havendo um “acordo entre nome e ideia da coisa designada.” Esse fenômeno recebeu o nome de realismo nominal. “Segundo essa suposição, os nomes remetem ao significado, ao referente, não ao significante” (SOARES, 2020, p. 79).

Quando crianças “supõem que nomes grandes designam coisas grandes e nomes pequenos designam coisas pequenas” (SOARES, 2016, P.79) é importante trabalhar palavras, significantes, de diferentes tamanhos. De acordo com Soares (2020), para levar as crianças a compreenderem que o tamanho da palavra não tem relação com o tamanho daquilo que elas designam.

Além do realismo nominal, outro aspecto importante da consciência lexical relacionado à compreensão do princípio alfabético é a dificuldade da criança em direcionar-se para a cadeia sonora da fala, conforme exposto por Soares (2020). A autora orienta que para

crianças no início do processo de alfabetização são necessárias atividades que “desenvolvam sua capacidade de voltar a atenção para os sons da palavra, não para o seu significado, particularmente por meio de atividades com rimas e aliterações” (SOARES 2020, p.80)

É também por meio de textos lidos e da orientação do alfabetizador que as crianças vão gradualmente construindo o conceito de palavras e desenvolvem a capacidade de segmentar frases em palavras. (SOARES, 2020)

As atividades de aliteração (sons iniciais semelhantes) e rimas (sons finais semelhantes) são utilizadas para o desenvolvimento da consciência lexical, uma vez que “levam as crianças a prestar atenção no significante, distinguindo-o do seu significado” (SOARES 2020, p.82). No entanto, mesmo que as crianças sejam capazes de reconhecer ou produzir rimas e aliterações, isso não quer dizer que as mesmas sejam capazes de identificar o segmento da palavra que corresponde a elas. Morais (citado por Soares 2016, p.184) ressalta:

[...] o sucesso de pré-leitores em atividades em atividades de leitores que envolvem rimas e outras relações sonoras não revela uma capacidade particular de segmentação, mas uma habilidade diferente que pode ser denominada sensibilidade a semelhança de sons.

Morais (2015) cita que alguns autores, incluindo José Morais (1996), vêm insistindo numa diferenciação entre “sensibilidade” e “consciência”, reservando para a última designação “apenas aqueles tipos de reflexão metalinguística que implicam o indivíduo operar, conscientemente, sobre segmentos fonêmicos, demonstrando, através da conduta manifesta, que os isolou” (MORAIS, 2025, p.62)..

3.2 CONSCIÊNCIA SILÁBICA

Quando a criança adquire habilidade de segmentar a cadeia sonora da palavra em sílabas e representa cada sílaba por uma letra, “já revela consciência de que a palavra é constituída de segmentos sonoros representados por letras” (SOARES, 2020, p.87). Para Soares (2020) a habilidade de decompor as palavras em sílabas, manifesta-se quase de forma natural, porque a sílaba é uma unidade fonológica que pode ser produzida de forma isolada, com total independência.

Sobre a especificidade da sílaba, a referida autora cita a pesquisa de Ferreiro (2013), que apontou ser a unidade fonológica mais acessível para as crianças, mesmo após compreenderem o princípio alfabético. Ferreiro citado por Soares (2016, p. 186), explica: “a consciência da sílaba pode ser considerada um fato evolutivo, já que foi reiteradamente contatada em crianças de 4 e 5 anos que não receberam treinamento específico”.

A autora afirma que inicialmente a criança escolhe qualquer letra para representar cada sílaba, sem demonstrar relação com os fonemas. “É uma escrita silábica sem valor sonoro” (SOARES, 2020, p.87). O que revela que a criança ainda não adquiriu a capacidade de fonetização da escrita, descrita por Soares (2020) como a capacidade de perceber na sílaba os fonemas (sons individuais) representados pelas letras que a compõem.

Na próxima etapa, as crianças já não escolhem aleatoriamente as letras, mas “aquela que corresponde ao som que mais se destaca na pronúncia da sílaba; esse som em geral é o da vogal, obrigatória em todas as sílabas do português, consideradas o núcleo da sílaba” (SOARES, 2020, p.97).

Para Soares (2020) é a consciência silábica que introduz a criança ao período de fonetização da escrita. A autora ainda cita novamente Ferreiro (2004) que definiu esse período como o período em que “as crianças realizam espontaneamente uma série de recortes orais, tratando de encontrar a letra adequada para essa ou aquela palavra”.

O passo inicial da fonetização da escrita é escrita silábica: capaz de recortar oralmente a palavra em sílabas, e já compreendendo que a escrita representa os sons das palavras, e que estes são representados por letras, a criança começa a escrever silabicamente- a usar as letras para representar os recortes orais que identifica nas palavras: neste momento inicial, as sílabas. (SOARES, 2016, p. 187)

Nessa fase a criança escreve sílabas com valor sonoro, mas para avançar para a fase da escrita silábico-alfabética, “ela precisa avançar em sua consciência fonológica, para que se torne capaz de identificar todos os fonemas das sílabas, o que depende do desenvolvimento da consciência fonêmica e da aprendizagem das relações fonemas-letras” (SOARES, 2020, p.102).

3.3 CONSCIÊNCIA FONÊMICA

Soares (2020) salienta que é na transição entre escrita silábica com valor sonoro e escrita alfabética que a criança percebe que é possível segmentar algumas sílabas em unidades sonoras menores.

Esse é o momento em que finalmente a criança se torna capaz de relacionar fonemas e letras e de escrever alfabeticamente, além de acrescentar regras e irregularidades ortográficas básicas para que a escrita alfabética se torne também ortográfica, nos limites das possibilidades das crianças.(SOARES, 2020, p.107).

A autora elegeu esse momento de aprendizagem sobre as relações fonemas-letras como ponto de chegada, quando a criança já compreendeu bem a relação fala-escrita, no entanto faz uma observação importante a respeito disso:

Há propostas para o ensino inicial da escrita alfabética nas quais o que tomamos aqui como ponto de chegada é considerado ponto de partida: a alfabetização começaria pelo ensino direto da associação de letras a seus sons, o que leva a aprendizagem de um código que precisa ser memorizado, e não à aprendizagem de um sistema de representação que vai sendo compreendido por meio de etapas que partem da compreensão da palavra como cadeia sonora e vão conduzindo a criança até a letra como representação dos menores sons dessa cadeia (SOARES, 2020, p.113).

A consciência fonêmica também foi considerada por Soares (2020), como ponto de chegada por que é nesse momento que ocorre a apropriação do princípio alfabético, ou seja, quando a criança se torna alfabética.

Em um de seus estudos a respeito do desenvolvimento da Consciência Fonológica em crianças, o autor Artur Gomes de Moraes (2015) apontou que a consciência fonológica cobre um leque de habilidades que além dos fonemas, englobam também as sílabas, rimas e etc. Entretanto, para ele, existe uma tendência equivocada em reduzir à consciência fonológica a consciência fonêmica e afirma que “ter algum grau de “consciência” sobre segmentos orais não implica, necessariamente, ser capaz de verbalizar as características observadas ou pronunciar, isoladamente, aquelas unidades.” (MORAIS, 2015, p. 62).

Por exemplo, julgamos que há evidente consciência fonológica, quando, diante de 4 figuras (gaveta, sacola, palito e sapato), seguindo nossa orientação, uma criança escolhe aquelas duas cujos nomes começam com a mesma sílaba, e diz apenas que “sacola e sapato começam igual”, mesmo que não saiba verbalizar a parte oral que as duas palavras compartilham no início. (MORAIS, 2015, p. 63)

A respeito do desenvolvimento da consciência fonêmica, o referido autor defende que “as últimas evidências enfocadas sugerem a adequação de revermos o que estamos conceituando como “consciência fonêmica”. (MORAIS, 2015, p 73). Ele argumenta que “se os fonemas não são unidades estáveis e se não estão previamente disponíveis na mente do aprendiz como unidades isoláveis, resta-nos superar as limitações daquela visão simplista” (MORAIS, 2015, p 61).

É obrigatório investigarmos como diferentes habilidades metafonológicas, que não se restringem à segmentação fonêmica, se desenvolvem durante o processo de apropriação do sistema alfabético e passam a ser constituintes dos progressos revelados pelo aprendiz. (MORAIS, 2015, p 74).

No estudo empírico mencionado, ao investigar a escrita de quarenta e uma crianças do primeiro ano do ensino fundamental, Morais (2015 p.73) constatou que:

Operar sobre fonemas se revelou bem mais complexo. Quanto à identificação de aliterações envolvendo o fonema inicial, verificamos que tendia a ser difícil também para os alunos com hipótese silábica e que mesmo as crianças com hipóteses silábico-alfabética e alfabética não tinham êxito absoluto.

O autor relatou que “mesmo os alunos que já conseguiam ler e escrever palavras convencionalmente, não tendiam a pronunciar isoladamente os fonemas com que as palavras começavam” (MORAIS, 2015, p.73). Assim eles não estavam manipulando mentalmente os fonemas e mesmo com a insistência do examinador durante as etapas para levar-se em conta apenas o primeiro som da palavra, “a tendência daquelas crianças, quando acertavam, era evocar uma palavra que tinha toda a mesma sílaba inicial da que lhes era apresentada” (MORAIS, 2015, p.73). Os erros reproduzidos pelas crianças nas tarefas de segmentação e contagem dos fonemas já foram observados em outros estudos, e de acordo com Morais (2015), “essa conduta não é mencionada pela maioria dos autores que aplicam a tarefa de segmentação fonêmica, o que nos leva a questionar se estariam aceitando a soletração como sinônimo de segmentação em fonemas” (MORAIS, 2015, p.73)

Assim como constatado por Soares (2026), o estudo realizado por Morais (2015), apontou a necessidade de se promover algumas habilidades de consciência fonológica desde o final da etapa da educação infantil. Além disso, o autor destacou a necessidade de romper com antigos métodos de alfabetização, assim como ressaltou a importância do letramento na alfabetização:

Por fim, insistimos sobre a necessidade de abandonarmos os velhos “métodos de alfabetização”, especialmente os métodos fônicos, e desenvolvermos novas metodologias, que assegurem um ensino sistemático da escrita alfabética, concomitantemente à vivência diária de práticas letradas na escola, desde a educação infantil. (MORAIS, 2015, p.74)

O desenvolvimento da consciência fonológica deve acontecer, para Soares (2020) por meio de atividades de reconhecimento de sons iguais no início ou no fim de palavras (aliterações e rimas) adequadas ao nível de escrita da criança. Além do mais, a autora sugere o uso de jogos e atividades lúdicas com parlendas, poemas, cantigas de roda e outros gêneros textuais (texto como centro) para o despertar da consciência fonológica (Soares, 2020).

4. CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA X MÉTODO FÔNICO

É bastante comum a relação feita entre consciência fonológica e método fônico, e em muitos casos há uma confusão entre os dois termos. Segundo Fernando Cesar Capovilla (2003) o método fônico é um método de alfabetização que prioriza o ensino dos sons das letras e em seguida constrói a mistura destes sons para alcançar a pronúncia completa da palavra. Somente depois que alguns fonemas já foram aprendidos, que então se ensina a combiná-los para formar palavras.

Já a consciência fonológica, como explicitado no tópico anterior desse trabalho, compreende a reflexão dos níveis silábico, intrassilábico e fonêmico, sendo que o fonêmico é decisivo para a relação grafema-fonema (Barrera e Maluf, 2003). Soares esclarece que “o termo consciência fonológica é muitas vezes usado para designar todos esses níveis, indiferentemente; ao contrário, muito frequentemente se limita o termo a um só nível, tornando o como um sinônimo de consciência fonêmica, apenas”. (SOARES, 2016, p. 170)

Assim sendo, a consciência fonológica refere-se à capacidade cognitiva de refletir sobre a estrutura fonológica da fala. O método fônico, por sua vez, é uma abordagem, uma entre as muitas opções no processo de alfabetização. Portanto, independentemente do método utilizado é sempre possível, se não necessário, o treino da consciência fonológica (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2003).

Em um estudo a respeito do método fônico e a consciência fonológica, Isabela Moutinho (2019), faz uma análise sobre a suposta eficiência desse método e chama a atenção para a sua imposição na recente Política Nacional de Alfabetização.

O método fônico compreende a língua escrita como sinais gráficos associados ao som da língua. Nesta perspectiva, a alfabetização é o ensino da relação sistemática entre grafemas e fonemas. De acordo com Moutinho (2019), as atividades do método fônico de alfabetização envolvem a memorização de pares biunívocos de letras e fonemas a partir dos valores sonoros que constam no quadro fonológico do português brasileiro e, geralmente, envolvem textos escritos para este fim ou frases e palavras descontextualizadas. Além disso, essas atividades consistem na segmentação das palavras e na ênfase exagerada do fonema que se quer abordar, de modo a prolongá-lo ou mesmo a tentativa de pronunciá-lo isoladamente da palavra. “Assim, antes de se falar a palavra flor, o professor tenta isolar a fricativa, pronunciando algo como ffff - lor” (MOUTINHO, 2019, p.260).

A autora tece inúmeras críticas ao método fônico, assim como nas apostilas e atividades desenvolvidas com essa finalidade. Entre elas está a crítica ao método das boquinhas, um exercício do método fônico, proposto por Capovilla e Seabra (2000)

Nesse material, são ignoradas questões básicas da Linguística, como o modo e ponto de articulação e produção da fala que envolvem língua, palato, lábios e o traço de sonoridade(...) Além disso, a atividade pode induzir a criança ao erro, já que dificulta a compreensão das diferenças entre oralidade e escrita por partir de uma fala que não existe. (MOUTINHO, 2019, p.264)

A autora afirma que este tipo de abordagem pedagógica evidencia que falta um saber técnico sobre linguística e há um desconhecimento do que está envolvido no aprendizado da leitura e da escrita de uma língua por parte de alguns profissionais da educação, como observa no seguinte comentário:

Analisando a proposta, afirmo que os autores e defensores desse tipo de método que elaboraram esses materiais não têm conhecimento de questões tão básicas, essenciais para todo linguista e estudante de Letras, como o modo e o ponto de articulação e vozeamento e ensurdecimento das consoantes. É como se tudo que está envolvido na produção da fala tivesse sido ignorado no momento de produção deste material e como se os idealizadores não tivessem previsto as dificuldades que o material pode impor às crianças (MOUTINHO, 2019, p.265)

A autora não nega que para algumas crianças, o método fônico pode fazer sentido e ser um procedimento efetivo de alfabetização, mas nem todas as crianças se beneficiarão com ele (MOUTINHO 2029), o que se observa é que no método fônico, existe um roteiro de aprendizagem que prevê uma ordem de apresentação dos sons/letras, iniciando pelas vogais, consoantes de representação simples, seguida de consoantes de representação complexa. Além disso, a construção de frases e textos aparece conforme os sons das letras são aprendidos. Se comparado à consciência fonológica, o método fônico detém-se somente no nível do fonema e não avança na reflexão dos outros níveis fonológicos.

É necessário que o ensino desenvolva concomitantemente a compreensão da escrita alfabética, a consciência fonológica e o conhecimento das letras. Inicialmente e já na educação infantil, levando a criança a superar o realismo nominal e a desenvolver a consciência de rimas e aliterações, a fim de que se torne capaz de focalizar os sons da fala, dissociando-os dos significados. Em seguida, desenvolvendo a consciência silábica e a habilidade de segmentação da palavra em sílabas, que inaugura o período de fonetização da escrita e conduz à sensibilidade a fonemas, condição essencial para o domínio de um sistema alfabético de escrita. (SOARES, 2016, p. 188)

Por fim é necessário esclarecer que a consciência fonológica deve ser objetivo a ser desenvolvido na alfabetização, uma habilidade, já o método fônico é somente um meio, uma

forma de alfabetizar, que não leva em conta a complexidade da linguagem e os meios pelas quais ela se manifesta (MOUTINHO, 2019).

5. A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NA BNCC

Como apresentado anteriormente, alguns autores tem afirmado e orientado que o processo de alfabetização envolvendo o desenvolvimento da consciência fonológica deve ser iniciado desde a educação infantil. A Base Nacional Comum Curricular, o documento normativo que norteia a formulação de currículos escolares em todo o território nacional, orienta que é somente nos anos iniciais do ensino fundamental que o trabalho com foco na alfabetização deve ser iniciado:

Embora, desde que nasce e na Educação Infantil, a criança esteja cercada e participe de diferentes práticas letradas, é nos anos iniciais (1º e 2º anos) do Ensino Fundamental que se espera que ela se alfabetize. Isso significa que a alfabetização deve ser o foco da ação pedagógica. (BRASIL, 2017, p. 89)

Antes disso, na etapa da educação infantil o documento aponta para a necessidade de experiências orais e contato com diferentes textos escritos. De acordo com o documento “Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral” (BRASIL, 2017, p. 42).

O documento elenca outras habilidades necessárias à criança da Educação Infantil e deixa claro que não compete à ela a tarefa de alfabetizar, assim como não menciona diretamente a consciência fonológica nessa etapa, que delega para o 1º e 2º ano do Ensino Fundamental. O texto argumenta que “No Ensino Fundamental – Anos Iniciais, aprofundam-se as experiências com a língua oral e escrita já iniciadas na família e na Educação Infantil” (BRASIL, 2017, p. 88)

Nesse processo, é preciso que os estudantes conheçam o alfabeto e a mecânica da escrita/leitura – processos que visam a que alguém (se) torne alfabetizado, ou seja, consiga “codificar e decodificar” os sons da língua (fonemas) em material gráfico (grafemas ou letras), o que envolve o desenvolvimento de uma consciência fonológica (dos fonemas do português do Brasil e de sua organização em segmentos sonoros maiores como sílabas e palavras) e o conhecimento do alfabeto do português do Brasil em seus vários formatos (letras imprensa e cursiva, maiúsculas e minúsculas), além do estabelecimento de relações grafofônicas entre esses dois sistemas de materialização da língua. (BRASIL, 2017, p.89)

A Base afirma que é preciso que os estudantes consigam “codificar e decodificar” os fonemas em grafemas ou letras. Já mencionamos anteriormente a posição de diversos autores

quanto à natureza da escrita alfabética e relembramos que Soares (2016) apontou que o fim da concepção de escrita como um código aconteceu em 1980. A autora ainda reforça que

O processo de alfabetização deve conduzir a criança à compreensão do que é o sistema alfabético – a relação entre sons da língua e sinais gráficos- para que se aproprie desse sistema entendendo-o como um sistema de representação, não como um código de relações.(SOARES, 2020, p.288)

O texto oficial expõe o desenvolvimento de “uma consciência fonológica dos fonemas do português do Brasil e de sua organização em segmentos sonoros maiores como sílabas e palavras” (BRASIL, 2017, p.89) Essa orientação do documento normativo a respeito das práticas de alfabetização pautados na consciência fonológica revela um possível direcionamento especial ao tratamento dos fonemas. Ele orienta para o desenvolvimento da consciência fonológica dos fonemas e de sua organização em segmentos maiores, ou seja, a orientação seria começar pelos fonemas (consciência fonêmica).

A pesquisa realizada por Morais (2015, p. 73) aponta um caminho inverso “Nossos dados sugerem a adequação de a instituição escolar promover a reflexão sobre palavras e sílabas antes da reflexão explícita sobre fonemas”. Nesse mesmo sentido o estudo realizado por Capovila, Dias e Maciel (2007) em acordo com o que propõe (Morais, 1995) apontou que a consciência fonêmica (fonemas) desenvolve-se posteriormente à consciência suprafonêmica (segmentos maiores que fonemas).

De certa forma, podemos inferir que essa orientação que o documento regulador faz a respeito das práticas de alfabetização se aproxima do que expomos aqui, com base nos estudos de Soares (20016) e Morais (2015) de que há uma tendência em reduzir a consciência fonológica à consciência fonêmica. Por outro lado, ao analisarmos as propostas de habilidades estipuladas para as crianças nessa fase, podemos observar que a BNCC busca contemplar outras habilidades de consciência fonológica para além da consciência fonêmica. Vejamos algumas habilidades mencionadas no texto:

(EF01LP02) Escrever, espontaneamente ou por ditado, palavras e frases de forma alfabética – usando letras/grafemas que representem fonemas.

(EF01LP03) Observar escritas convencionais, comparando-as às suas produções escritas, percebendo semelhanças e diferenças.

(EF01LP04) Distinguir as letras do alfabeto de outros sinais gráficos

(EF01LP05) Reconhecer o sistema de escrita alfabética como representação dos sons da fala.

(EF01LP06) Segmentar oralmente palavras em sílabas.

(EF02LP02) Segmentar palavras em sílabas e remover e substituir sílabas iniciais, mediais ou finais para criar novas palavras.

(EF01LP07) Identificar fonemas e sua representação por letras.

(EF01LP08) Relacionar elementos sonoros (sílabas, fonemas, partes de palavras) com sua representação escrita.

(EF01LP09) Comparar palavras, identificando semelhanças e diferenças entre sons de sílabas iniciais.

(EF01LP10) Nomear as letras do alfabeto e recitá-lo na ordem das letras.

(EF01LP11) Conhecer, diferenciar e relacionar letras em formato imprensa e cursiva, maiúsculas e minúsculas.

(EF01LP12) Reconhecer a separação das palavras, na escrita, por espaços em branco.

(EF01LP13) Comparar palavras, identificando semelhanças e diferenças entre sons de sílabas mediais e finais.

(EF02LP05) Ler e escrever corretamente palavras com marcas de nasalidade (til, m, n).

(EF02LP06) Perceber o princípio acrofônico que opera nos nomes das letras do alfabeto.

(EF02LP08) Segmentar corretamente as palavras ao escrever frases e textos.

(EF12LP07) Identificar e (re)produzir, em cantiga, quadras, quadrinhas, parlendas, trava-línguas e canções, rimas, aliterações, assonâncias, o ritmo de fala relacionado ao ritmo e à melodia das músicas e seus efeitos de sentido. (BRASIL, 2017, p.99-100)

Embora se possa observar uma tendência ao estudo dos fonemas - visto que grande parte dessas habilidades tem essa unidade sonora como foco- observamos que existem habilidades voltadas para a consciência lexical e consciência silábica. No entanto, também notamos que existem poucas atividades envolvendo rimas e aliterações.

O conhecimento das letras (grafemas) é bastante enfatizado pela Base, como defende Moraes (2015) ao sugerir a notação escrita para estimular a reflexão escrita das palavras juntamente com a reflexão sobre seus segmentos sonoros. Está em consonância também com o que Soares propõe, quando afirma que o conhecimento das letras e o desenvolvimento da consciência fonológica são processos que se desenvolvem em paralelo. (SOARES, 2020).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessas décadas de fracasso escolar na educação brasileira, temos acumulado vários métodos de alfabetização que apenas resultam em uma permanente alternância entre propostas. Tem se criado um movimento pendular, um vaivém entre métodos, que parecem inovadores, mas na verdade, orientam-se pela mesma concepção restrita de alfabetizar: ensinar a criança a ler (a leitura entendida como decodificação) e a escrever (a escrita entendida como codificação). O que apresentamos nesse estudo foi um panorama do que tem sido debatido e pesquisado à respeito do desenvolvimento da consciência fonológica no processo de aquisição da escrita, sem entrar no debate sobre os métodos. Vimos como essa temática tem ganhado espaço entre diversas áreas do conhecimento e como têm contribuído para a aprendizagem das crianças em fase de alfabetização.

Com base no exposto, consideramos que dentro de uma esfera maior, a consciência metalingüística, está a consciência fonológica, que é a habilidade de refletir sobre a fonologia da linguagem (em uma relação recíproca com a escrita). É a consciência fonológica que mais se aproxima da alfabetização. Ela envolve, entre outros assuntos o estudo de textos, palavras, sílabas e fonemas. Por ser um tema complexo, alguns autores têm defendido que a consciência fonológica compreende diferentes níveis de desenvolvimento – consciência lexical (consciência sobre as palavras), consciência silábica (consciência sobre as sílabas) e consciência fonêmica (consciência sobre os fonemas).

Amparados pelas pesquisas de Soares, Morais, Del Ré, Maluf e Barrera, e outras, observamos que persiste ainda uma tendência em reduzir o termo “consciência fonológica” em “consciência fonêmica”, e essa tendência pôde ser observada até mesmo em textos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular.

Como demonstrado pela pesquisa, o método fônico é um método de alfabetização que prioriza o ensino dos sons das letras para que em seguida se construa a mistura destes sons para alcançar a pronúncia completa da palavra. Somente depois que alguns fonemas já foram aprendidos, que então se ensina a combiná-los para formar palavras, nesse caso, a ênfase é dada apenas aos fonemas. Já a consciência fonológica é a capacidade de se refletir sobre a sonoridade das palavras e sobre seus segmentos sonoros, que se distinguem por sua dimensão: a palavra, as sílabas, as rimas, os fonemas.

É importante que professores alfabetizadores e professores de Língua Portuguesa reconheçam a importância do estudo das relações grafo-fonêmicas para uma atuação eficiente

em sala de aula. É necessário também (re)avaliar o uso de métodos redundantes de alfabetização e assim contribuir com práticas alfabetizadoras capazes de auxiliar no problema do analfabetismo no Brasil, auxiliando também na construção de uma educação de qualidade.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRERA, S.D. ;MALUF, M.R. 2003. **Consciência metalingüística e alfabetização: um estudo com crianças da primeira série do ensino fundamental.** Psicologia Reflexão e

Critica, 16 (3), 491-502. Disponível em:<
<https://www.scielo.br/j/prc/a/Xf7Z67CW6vLTBYfkRmcGCYc/?format=pdf&lang=pt>>.
 Acesso em 31 ma 2023.

CAGLIARI, L. C. **Algumas questões de linguísticas na alfabetização.** Unesp. Conteúdo e didática de Alfabetização.

CAPOVILLA, A. G. S., DIAS, N. M., & MONTIEL, J. M. (2007). **Desenvolvimento dos componentes da consciência fonológica no ensino fundamental e correlação com nota escolar.** Psico - USF, 12(1), 55-64.

CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. **Alfabetização: Método fônico.** São Paulo, SP: 2003. Memnon Critica 13 (1), 7-24.

DEL RÉ, A. **Aquisição da Linguagem: uma abordagem psicolinguística** (org.). Vol. 2 ed; São Paulo: Editora Contexto, 2010.

MARTINS, C. (1991). **A consciência fonológica e a aprendizagem inicial da leitura e da escrita.** Cadernos de Pesquisa, (76), 41-49. Disponível em:<
<https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1053>>. Acesso em 10 jan 2023.

MALUFF, M. R. ; BARRERA, S. D. (1997). Consciência fonológica e linguagem escrita em pré-escolares. Psicologia: Reflexão e Crítica, (10)1, 125-145. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/prc/a/j3ygpW7RgQLfzQChRpXmFCd/?lang=pt#>. Acesso em 23 mai 2023

MORAIS, A. G de. **O desenvolvimento da consciência fonológica e a apropriação da escrita alfabética entre crianças brasileiras.** Revista Brasileira de Alfabetização - ABAlf | ISSN: 2446-8576 / e-ISSN: 2446-8584 Vitória, ES | v. 1 | n. 1 | p. 59-76 | jan./jun. 2015. Disponível em:< <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/31> >. Acesso em 12 jun 2023.

MOUTINHO, I. **O método fônico e a consciência fonológica: soluções ou dispositivos de patologização?** Linguagem, cognição e ensino. P 253-290. Disponível em:
<https://editora.abralin.org/wp/wp-content/uploads/2021/09/Linguagem-cognicao-e-ensino-08.pdf> > .Acesso em 31 mai 2023.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. **Conhecimento lingüístico e apropriação do sistema de escrita** : caderno do formador / Marco Antônio de Oliveira. Belo Horizonte Ceale/FaE/UFGM, 2005. 70 p. - (Coleção Alfabetização e Letramento). Disponível em:<
https://www.ceale.fae.ufmg.br/files/uploads/Col.%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20e%20Letramento/Col%20Alf.Let.%2003%20Conhecimento_Linguistico.pdf>. Acesso em 30 nov 2022

SCARPA, E. M. **Aquisição da linguagem.** In; Introdução à Linguística: domínios e fronteiras. MUSSALIM, F; BENTES, A. C (org). São Paulo. 2002.Ed. Cortez. V.2. 203-232.

SCHERER, R. A. P. **Atividades em consciência fonológica na metodologia de alfabetização:** importante ferramenta no desenvolvimento da consciência fonológica e na

evolução da escrita. Disponível em:< <https://docplayer.com.br/10639025-Ana-paula-rigatti-scherer-1-anafono-pop-com-br.html> >. Acesso em 31 ma 2023.

SCHERER, R. A . P. **O tripé da alfabetização:** consciência fonológica... Revista de Estudos Linguísticos da Univerdade do Porto - Nº Especial - 2020 - 33 -43. Disponível em:< <file:///C:/Users/HGL/OneDrive/Documentos/TCC/TRIP%C3%89.pdf> >. Acesso em 31 mai 2023

SOARES, M. **Alfabetização:** a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016. 384 p.

SOARES, M. **Alfaetrar:** toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, M. B. **Letramento e alfabetização:** as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, 2004. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782004000100002>